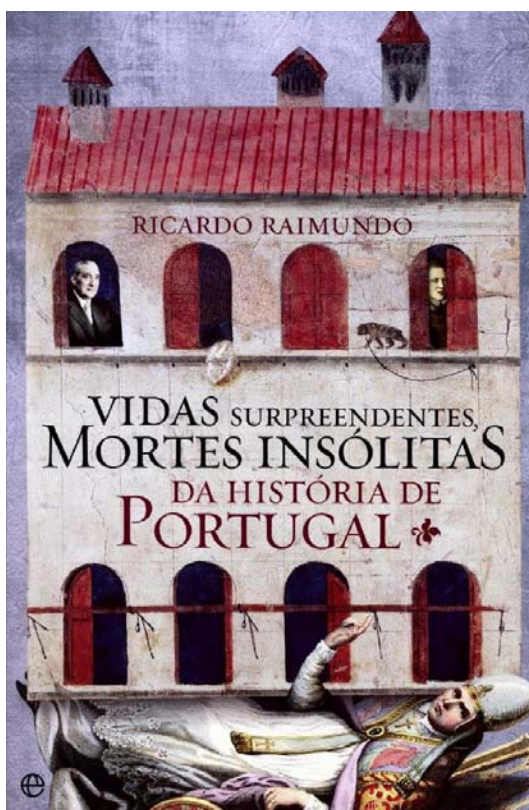


DE MORTE MACACA, AO BALÁZIO E ATÉ PORQUE O CORAÇÃO PAROU

Mário Beja Santos¹, beja.santos@dq.consumidor.pt

“*Vidas surpreendentes, mortes insólitas da História de Portugal*”, por Ricardo Raimundo (Esfera dos Livros, 2011), é um apanhado calendarizado de passamentos que oscilam entre o insólito, o burlesco e o aparatoso. O autor dá-nos uma obra de divulgação com assegurada leitura fluente e a manutenção do empolgante em torno do fim de vida de políticos, desportistas, investigadores, poetas, caçadores, entre uma vasta categoria de tipos, já que as 56 narrativas vão desde Martim Moniz a Joaquim Agostinho.



Na intenção e na estrutura, a obra não é inédita, tem sido corrente a divulgação de celebridades, desastres navais ou aéreos, grandes batalhas, grandes vultos de religiosidade, grandes personalidades literárias ou musicais. O que há de cativante é que esta viagem calendarizada acaba sempre com o fim da vida. Melhor dito, o episódio regista os últimos momentos do personagem, como se exemplifica. Pero Coelho, um dos executores de Inês de Castro, na presença de Pedro o Cruel resiste às torturas e não revela outros nomes de gente implicada. E assim se relata: «Quando o carrasco de Santarém se preparava para iniciar o cumprimento da

¹ Técnico Superior da *Direcção-Geral do Consumidor*, Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

decisão (arrancar-lhe o coração pela frente), Pero Coelho olhou-o nos olhos e ter-lhe-á dito que o encontraria mais forte do que o de um touro e mais leal do que o de um cavalo. Depois de retirado o coração, e devidamente confeccionado, foi levado numa bandeja à presença de D. Pedro, que pegou nele e o mordeu, como sinal de vingança do coração amado que o acto perpetrado por aqueles indivíduos apartara de junto de si». Pedro Julião, ou Hispano, o papa português, entronizado como João XXI morreu numa explosão, e ainda hoje não há qualquer evidência do que se teria passado no compartimento do palácio papal onde ele foi encontrado agonizando por debaixo de uma trave de madeira.

No final do século XIX, o director do Real Instituto Bacteriológico, Luís da Câmara Pestana, depois de ter ido ao Porto assistir às autópsias de cadáveres empestados, ele próprio deu sinais de contaminação. Internado no hospital de Arroios, apresentava um bubão no sovaco esquerdo e a língua esbranquiçada, foi visitado pelo rei D. Carlos, por políticos destacados e pelo cardeal patriarca. A partir dessa data o instituto passou a ter o nome de Instituto Câmara Pestana. Mouzinho de Albuquerque, ajudante de campo do rei D. Carlos e aio do príncipe Luís Filipe pôs termo à vida em Janeiro de 1902, suicidou-se num trem, depois de ter escrito algumas cartas a explicar o seu acto, perto da Quinta das Laranjeiras. Ainda hoje não se encontra uma explicação plausível, era um militar coberto de glória nas campanhas de África, principalmente a que levaria à prisão do chefe vátua Gungunhana.

Diz o autor que morrer é sempre bastante ridículo, estas mortes insólitas que provocaram estranheza, que se fizeram rodear de peripécias, por vezes de aspectos cómicos, que contribuíram para mudar o curso dos acontecimentos, são um repertório de mortes não habituais ou incomuns. O autor explica mesmo que estes 56 episódios, em termos de organização, descrevem os acontecimentos que antecederam e culminaram a morte, seguidos por uma pequena biografia que permite ficar a conhecer cada uma das personagens, de forma resumida. Ele atirou-se a este projecto na convicção de que este livro pode contribuir para despertar o interesse por esta ou aquela figura do património histórico, levando o leitor a aprofundar conhecimentos já que,

nalguns casos, se tratam de personagens nem sempre bastante iluminadas pela nossa historiografia.

Voltando ao século XX, temos o distinto político Hintze Ribeiro que morre no funeral do seu amigo José Frederico do Casal Ribeiro, mesmo à porta do cemitério. Miguel Bombarda vê entrar um doente no seu consultório, o tenente Aparício Rebello dos Santos que lhe desfecha alguns tiros à queimadura. Bombarda estava inequivocamente implicado no golpe que implantaria a República em Portugal e morreu na antevéspera. Será sepultado com o almirante Cândido dos Reis no dia 6 de Outubro, a esse funeral assistiram milhares de pessoas como nunca se tinha visto na capital. Cândido dos Reis ter-se-á suicidado na presunção que o golpe desencadeado em 4 de Outubro tinha redundado num fiasco. Francisco Lázaro é o primeiro atleta morto em plenos Jogos Olímpicos, passa-se em Estocolmo, durante a maratona, em 1912. Cinco dias depois da sua morte, 24 mil pessoas comparecem no Estádio Olímpico para as homenagens póstumas. Escreve-se: «Para proceder à trasladação do corpo do atleta para Portugal, o Comité Olímpico Português teve bastantes dificuldades financeiras. A chegada a Portugal só viria a concretizar-se dois meses após a morte do atleta». Mário de Sá Carneiro suicida-se em Paris, em 1916, quase que fez um espectáculo da sua morte, vestiu-se a rigor e tomou 5 fracos de arseniato de estricnina, agonizou congestionado numa aflição pavorosa. O primeiro-ministro António Granjo foi morto no Arsenal pelos radicais, na chamada “Noite Sangrenta”, em que a “camioneta fantasma” andou a recolher mais vítimas. O famoso futebolista sportinguista Francisco Stromp suicidou-se depois de descobrir que tinha sífilis. Outro futebolista, Pepe, do Belenenses morreu supostamente envenenado. O ministro Duarte Pacheco falece num brutal acidente de automóvel perto de Vendas Novas, em 1943. O diplomata Luís Teixeira de Sampaio, um dedicado colaborador de Salazar, morre durante uma audiência concedida pela rainha D. Amélia, em 1945. Cottinelli Telmo, um arquitecto com extraordinário currículo de obras públicas e artista versátil é levado pelas ondas na zona de Cascais em 1948. Aristides de Sousa Mendes, o cônsul de Bordéus, morreu completamente esquecido em 1954. A sua pobreza chegou ao extremo de, não possuindo um fato próprio, ter sido enterrado num hábito franciscano. Salazar

caiu de uma cadeira, quando parecia recuperar de hematoma subdural sofreu um forte acidente vascular cerebral e ficou inutilizado, em 1968, viveu no Palácio de São Bento talvez sem saber que deixara de ser primeiro-ministro e veio a falecer em 1970. O escritor Pedro Oom soube do golpe do 25 de Abril e morreu cheio de alegria. Joaquim Agostinho, o lendário ciclista, teve um acidente na 10ª Volta ao Algarve, em 1984, quando dois cães atravessaram a rua e surpreenderam os corredores, Joaquim Agostinho bateu violentamente com a cabeça no empedrado e não resistiu à intervenção cirúrgica.

Na hora de morrer há situações caricatas, há valentia e presença de espírito, há a síncope imprevista como também pode haver a encenação do suicídio. Pode haver de tudo, como este livro nos explica.